



SEIS DIAS NA LINHA DO EQUADOR: RELATO DE UM OFICIAL DE MARINHA A BORDO DO VELEIRO WITNESS

Capitão-Tenente Jonatan de Souza Cavalcante¹

INTRODUÇÃO

Mar calmo nunca fez bom marinheiro. E foi exatamente no agito das águas da Margem Equatorial que embarquei, em março de 2024, para aquela que viria a ser uma das experiências mais inusitadas da minha carreira naval. Por seis dias, deixei o conforto, a tecnologia e a disciplina do Navio de Pesquisa Hidroceanográfico Vital de Oliveira para embarcar no Witness, um pequeno veleiro de bandeira holandesa do Greenpeace.

Minha função como Oficial-Fiscal era simples na forma, mas profunda em propósito: acompanhar de perto atividades de pesquisa oceanográfica conduzidas por uma organização não-governamental internacional em uma área de nossa Amazônia Azul. Missões como essa reforçam nosso compromisso com o direito internacional, aliado ao interesse nacional, assegurando que todas as ações — civis ou estatais — estejam em consonância com os preceitos legais estabelecidos na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) e com o ordenamento do Estado brasileiro, em especial o contido no Decreto nº 96.000/1988, que dispõe sobre a realização de pesquisa e investigação científica na plataforma continental e em águas sob jurisdição brasileira, e sobre navios e aeronaves de pesquisa estrangeiros em visita aos portos ou aeroportos nacionais, em trânsito nas águas jurisdicionais brasileiras ou no espaço aéreo sobrejacente.

¹Oficial da Armada, Hidrógrafo. Ajudante do Instrutor de Navegação do Navio-Escola “Brasil”. E-mail: souza.cavalcante@marinha.mil.br



Figura 1- O veleiro WITNESS

ENTRE VELAS, CORRENTES E SILÊNCIOS

Com seus modestos 22,5 metros de comprimento, ele não é um navio de combate, tampouco um laboratório flutuante, mas carrega em seu casco de alumínio a capacidade de alcançar áreas internacionais com baixa emissão de gases. O Witness possui quilha retrátil, leme duplo e espaço limitado, abrigando uma tripulação de até 12 pessoas.

Os espaços eram estreitos, o calor constante e os banhos contados. A comida foi muito bem preparada pelo cozinheiro Luiz, apesar da restrição ao uso de proteína animal devido às normas da organização. As madrugadas eram embaladas pelo som constante do casco contra as ondas de até 2,5 metros e pelo vento chacoalhando as velas.

A tripulação do Witness era composta por estrangeiros e brasileiros. Dentre os responsáveis pela embarcação, havia holandeses e uma mulher da África do Sul. Já entre os profissionais nacionais, havia pesquisadores, professores, ambientalistas

e até mesmo uma equipe de filmagem, que conduziria um documentário sobre a expedição. O objetivo deles era, em linhas gerais, monitorar as correntes oceânicas superficiais da Margem Equatorial. Para isso, lançaram ao mar uma série de “derivadores oceanográficos” — dispositivos leves, com cerca de 20 cm de diâmetro, flutuantes, equipados com GPS e transmissores via satélite, projetados para registrar o movimento das águas superficiais ao longo dos dias.



Figura 2- Derivador de Stokes

A MISSÃO E O MAR

Enquanto isso, como representante da Marinha do Brasil, procurei exercer meu papel de fiscalização com discrição e firmeza. Sem interferir na operação, observei, dia e noite, cada lançamento dos equipamentos científicos previamente estabelecidos junto ao EMA, registrei as coordenadas e zelei pelo cumprimento das normativas em vigor. A neutralidade, nesse contexto, é o maior gesto de presença. Minha missão ali era, sobretudo, garantir que o Estado brasileiro permanecesse

atento, inclusive onde outros esperam encontrar ausência.

Os lançamentos foram realizados nos pontos previstos e todos executados sob minha supervisão, tanto sob a luz do Sol quanto na madrugada adentro.

Durante os seis dias a bordo, fui lembrado da velha máxima naval: “vigiar o mar é tão importante quanto dominá-lo.” Ao mantermos presença, mesmo nas menores embarcações, reafirmamos que o Brasil não se ausenta de suas águas, sejam elas exploradas por fragatas, navios-patrolha ou por um veleiro sem ar-condicionado.

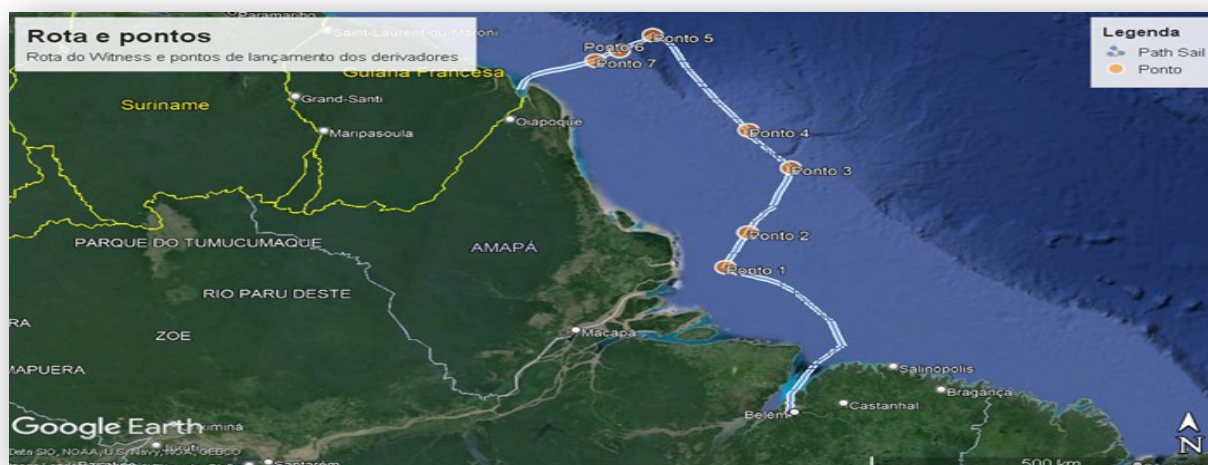


Figura 3- Trajeto percorrido pelo veleiro WITNESS e os pontos de lançamento dos derivadores.



Figura 4- Lançamento dos derivadores pelos pesquisadores.



O VALOR DA PRESENÇA

A importância da função de Oficial-Fiscal para a Marinha do Brasil não está apenas no acompanhamento da expedição, mas na mensagem que se transmite ao país e ao mundo: o Brasil está atento, presente e disposto ao diálogo — com firmeza, mas também com diplomacia. A complexidade de se manter o equilíbrio entre conservação e desenvolvimento exige mais do que palavras de ordem: exige presença, escuta e estratégia.

Voltei à terra firme, desembarcando nas águas do Oiapoque. Mais uma oportunidade que a Marinha do Brasil me proporcionou ao conhecer uma cidade

no extremo norte de nossa grandiosa Pátria Amada. Além disso, trouxe comigo ótimas memórias e uma certeza: mesmo em ambientes desafiadores e com pessoas de grande diversidade cultural e de pensamentos, a Marinha segue seu rumo com o norte fixo — o da soberania e do compromisso com o povo brasileiro.

Por fim, o sentimento mais marcante é de que precisamos estar presentes, cada vez mais, nessa Amazônia Azul que se estende da costa ao largo. Precisamos conhecer, fiscalizar, estudar e defender. Se isso exigir embarcar em veleiros apertados, que assim seja. Porque quem ama o Brasil, o defende — de todas as formas, com todos os meios.

